



desenovelar das circunstâncias. O que em dada situação poderia prejudicar alguém, em outra poderia favorecer esse mesmo alguém.

Com a facção política dos integralistas, que julgava encontrar adepto do ideário fascista no Presidente Vargas, aconteceu essa metamorfose, sendo o líder desse movimento, Plínio Salgado, exilado na Europa e seus seguidores perseguidos, encarcerados e inclusive mortos a bala. O empresário paulista Hugo Borghi lutara contra a ditadura varguista em 1932. Apoiava os constitucionalistas da contra revolução, patrocinada por São Paulo. Porém, fez fortuna depois no negócio do algodão, vendido ao exterior no decorrer da Segunda Guerra. Ficou grato ao governo e se colocou partidário de Getúlio Vargas. Ajudou a financiar a campanha política pela continuidade do Presidente ditador, antes passando pela aprovação de uma Assembleia Constituinte que conferisse legitimidade a um renovado mandato presidencial. Era a campanha Queremos Getúlio, apelidada de quererismo.

Vargas não decidia apressadamente. Amadurecia as ideias até vislumbrar saídas, ponderar com vagar as alternativas. Deixava em compasso de espera, decisão de molho, a fim de desatar o nó no momento e dose certos, em riscos calculados. Sabia avaliar a conveniência. Possuía clareza da estratégia e da tática. Tinha claro na mente o futuro que queria alcançar bem como as ações presentes para conseguir chegar até ele. E não figurava entre os políticos falantes. Discreto, reservado, observador e fleumático, seus discursos e intervenções primavam pela medida apropriada.

O episódio talvez mais célebre de todos, em que tática e estratégia dialogavam em harmonia, foi na implementação da Companhia Siderúrgica Nacional no intuito de dotar a economia brasileira da fabricação de aço. Era produto crucial para desembaraçar o desenvolvimento da indústria brasileira e fazer com que o país deixasse de ser apenas uma fazenda continental. Foi o ponto de inflexão para o futuro. Pelas necessidades da época, não progrediria nenhum processo industrial mais avançado nos pagos verde-amarelos sem a produção de aço laminado em grande escala. Foi estrategista.

Para executar esse intento, Vargas se aproxima tanto dos Estados Unidos quanto dos países nazifascistas do Eixo, em particular a Alemanha. Bordeja e joga balões de ensaio com os governos das duas nações inimigas por intermédio dos embaixadores brasileiros em Washington e Berlim. Blefa com os dois. Faz insinuações, toma atitudes ambivalentes, até um dos lados notar, sem que tivesse sido dito com clareza, qual deles ficaria sem o crucial apoio geopolítico, decisivo em época de guerra. Proferiu famoso discurso, em linguagem cifrada embora suficiente para bom entendedor, a bordo de um navio de guerra brasileiro. Insinuava aproximação em cortejo com a Alemanha. Os Estados Unidos percebeu o desastre irreparável de perder o aliado mais importante da América do Sul. Vargas estava tirando nítido proveito da II

Guerra Mundial. Tinha transparente noção da oportunidade inescapável e da ação a ser tomada antes que o conflito findasse. Terminado, cessavam os interesses beligerantes e desaparecia a possibilidade de explorar brecha favorável em ocasião propícia. Foi tático.

Não demora muito, assina contrato com os EUA para financiar e obter apoio tecnológico para usina siderúrgica inédita e da maior envergadura de escala produtiva, sediada em território brasileiro. Mas, precisa ceder. Uma mão vai e outra vem. Cede uma base aeronáutica no Rio Grande do Norte para os EUA. Depois, puxa o tapete da Alemanha, deixando-a sem apoio, e que acaba por se vingar, afundando muitos navios mercantes brasileiros. Essa era a faceta progressista do astuto Presidente.

Contudo, havia a faceta satânica em mútua convivência, como Dr. Jeckill e Mister Hyde, o médico e o monstro. Centenas pereceram nas masmorras e nas torturas das prisões aos opositores e dissidentes. E, como se não bastasse, houve um fato dos mais ignominiosos que pouco se relata e se conhece, abordado agora na biografia de Lira Neto. Não escapava sequer uma faísca nos jornais contra o Presidente Vargas. A censura imperava. E com truculência descia o porrete nos recalcitrantes. Somente se divulgava o apologético, de incontáveis virtudes e atos benéficos aos trabalhadores. Até aqui, não há novidade nesse período de censura. O mais tenebroso mesmo foi outro sucedido. Era necessário abastecer os Aliados com borracha durante a guerra. Foram recrutados 55 mil nordestinos para extrair 100 mil toneladas do produto na floresta amazônica. A maior parte não voltou. Pereceu de malária e de abandono nos seringais. Morreram pelo esquecimento. Nada se podia denunciar contra o Presidente. Nunca se contabilizou até hoje o número de mortos. O que se sabe é apenas o vago conceito “a maioria” que por sinal não regressou a seus lares.

Enfim, o Presidente Getúlio Vargas é uma figura intrigante pela contradição despertada. Não apenas pela personalidade quanto pela época em que conviveu com mentalidade hostil às transformações em meio à reinante consciência social ultraconservadora, trancafiada no mundo rural, que urgia ser arejada e varrida ao se projetar novos horizontes de desenvolvimento. Se Vargas se acercou com legislação protetora da classe trabalhadora a lhe hipotecar apoio e veneração, ele também soube bater com exemplaridade, rasgou Constituições, censurou e bateu com punho cerrado.

## REFERÊNCIAS

NETO, L. **Getúlio**: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das ideias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Ciências Econômicas das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores, e as ideias nele inseridas não necessariamente refletem o pensamento do curso.